

**RIO DE
SANGUE**



ALEXSANDER GONÇALVES

RIO DE SANGUE



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2022
Copyright © Alexander Gonçalves, 2021

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Bianca Gulim

ASSISTÊNCIA EDITORIAL
Jadna Alana

ANÁLISE CRÍTICA
Márcio Zanini

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

CAPA
Sarah Libna

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Gonçalves, Alexander

Rio de sangue / Alexander Gonçalves. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-89850-13-7

1. Ficção brasileira 2. Distopia I. Título

CDD: 869.3



Rua Coronel Leme, 43
Centro | Bragança Paulista | SP
12.900-340
www.editoracoerencia.com.br

“O inferno está transbordando, e Satã está mandando sua morte até nós (...) Quando não houver mais lugar no inferno, os mortos andarão pela terra.”

Madrugada dos mortos

HENRIQUE

1

EMBARQUE

Passos rápidos e largos.

Minha atenção está voltada para a tela do meu celular enquanto ando apressado para o portão de embarque do aeroporto. Ao meu redor, meu raso campo de visão consegue captar apenas vultos e mais correria.

“Guilherme, vou chegar no horário. Já vou embarcar”, escrevo na mensagem.

Hoje completo oito anos ao lado de Guilherme. Raramente deixamos passar a data em branco. De jantar à luz de velas a assistir a séries na Netflix. Passamos mais tempo discutindo qual será a escolha do catálogo do que assistindo. Hoje, um domingo agitado, decidimos comemorar com nossos futuros padrinhos de casamento. Será uma reunião simples no nosso apartamento na Tijuca, Zona Norte do Rio de Janeiro.

Não consigo achar meu portão de embarque, penso.

O aeroporto de Congonhas, em São Paulo, como de costume está lotado e bagunçado. Há muito movimento e aglomeração, mas mantenho a minha atenção no celular. Sempre me sinto confuso com a tecnologia; lento para entender e organizar meus compromissos. Tento dar o meu melhor para não parecer um *tiozão* com vinte e cinco anos de idade. Mandar, receber e ter de responder mensagens pessoais ou sobre trabalho ao mesmo tempo me deixa de cabelo em pé.

Qual é o número do meu voo?

Procuro pelo meu bilhete de embarque. Pela mensagem visualizada e ignorada, sei que Guilherme está irritado. Ele sempre se programa para todos os nossos compromissos, e eu sempre acabo deixando para a última hora. A justificativa para o meu desleixo é por conta do meu extremo cansaço e estresse diário com passageiros e a rotina. Trabalhar na aviação é sempre uma incógnita. Basta um voo atrasar, entrar em manutenção ou a meteorologia não ajudar para o mundo virar de ponta-cabeça. A aviação é um mundo louco, inesperado e imprevisível. No entanto, eu amo.

Guilherme me lembrou um mês atrás de solicitar minhas folgas para a nossa comemoração. Esqueci? Com certeza. Estou me esforçando para chegar a tempo. Acabei de desembarcar de um voo vindo de Porto Alegre e já estou correndo para não perder a conexão para o Rio de Janeiro. Esta é a rotina de um comissário de voo: complicada e exaustiva. Porém, é como se fosse cachaça... Depois do primeiro gole, queremos mais.

— Atenção, cliente da UpFly Airlines, Sr. Henrique Bittencourt, do voo 1052 com destino ao Rio de Janeiro, aeroporto do Santos Dumont, esta é a última chamada para o embarque pelo portão dois.

Sou eu!

Corro com a minha mala, esbarrando em todos, e ouço os xingamentos e reclamações. Sem tempo para me desculpar, percebo que não sou o único esbaforido. Não posso perder esse voo. Quando você está atrasado, tudo vai contra. A famosa Lei de Murphy.

Chego ao portão dois afobado com meu uniforme branco bagunçado, telefone na mão esquerda, fone de ouvido arrastando pelo chão, mochila caída em um ombro e a mala atrapalhando ainda mais. Sinto a agente de atendimento do aeroporto me fuzilar com os olhos.

— Bilhete de embarque e documento, por favor — pede a responsável, cujo nome é Raíssa, o qual bisbilhotei no crachá.

— Boa noite. Só um momento...

Desengonçado, procuro meu documento em todos os bolsos possíveis e não encontro.

Sei que é errado, contudo ela está vendo que sou tripulante da mesma companhia que ela trabalha e estou uniformizado. Não custa nada abrir

aquela famosa exceção e me liberar. Mas não. Ela me faz revirar a mala atrás do documento para no final das contas estar dentro da capa do meu celular.

Putá que pariu!

Reviro os olhos, porém ela está certa. O brasileiro está mal-acostumado a ganhar vantagem com imprudência, dar aquele *jeitinho brasileiro* de conseguir as coisas de maneira mais fácil, rápida e errada.

– Obrigada. Você precisa embarcar o quanto antes. Esse voo é o único no horário e não posso atrasá-lo!

Raíssa bipa meu bilhete e me libera, fechando o portão de vidro do finger com força.

Sem esboçar qualquer reação, desço rapidamente para o acesso à aeronave e tento me recompor colocando a mochila nos dois ombros. O fone de ouvido está pendurado no pescoço, e arrumo de forma rápida meu uniforme colocando-o para dentro da calça social preta. Agora, sim.

Dou mais atenção ao que está ao meu redor. Pela lateral esquerda do vidro transparente do finger, noto bastante gente desesperada; a maioria parece estar gritando, inconformada, e outros choram. Uns se direcionam aos seus smartphones e outros dialogam com os braços nervosos e agitados com funcionários de outras companhias aéreas.

Talvez tenham perdido o voo, a conexão, ou até mesmo algum desencontro no aeroporto.

É algo comum em Congonhas.

Problemas e caos!

Já na porta da aeronave, sorrio sem jeito na direção da comissária, que ao mesmo tempo faz um sinal impaciente com a mão. Realizo uma breve apresentação por cordialidade e sou recebido às pressas.

– Vamos rapidinho que precisamos fechar a porta. Sabe sua poltrona? – pergunta sem esperar uma resposta e realiza em segundos o fechamento da entrada.

É dado início aos procedimentos de segurança. Meu sorriso se desmancha e só tento me achar rápido pelo corredor. Acomodo minha bagagem no compartimento superior e vou para a poltrona 2A, jogando a mochila na do lado, que está vazia.

Portas em automático.

As luzes levemente se apagam e o neon azul-escuro no corredor ganha proporção. Respiro fundo e olho pela janela. Sinto-me uma completa bagunça. Movo meus olhos de um lado para o outro, tentando me achar nas minhas próprias ações. O finger é recolhido conforme esperamos o taxiamento da aeronave. A comissária passa pelas poltronas conferindo se todos os passageiros estão com os cintos afivelados. Enquanto o taxiamento não inicia, abro o zíper da minha mochila e pego uma garrafa de 750ml de vinho que comprei antes de embarcar em Porto Alegre. Olho de relance e vejo toda a parte traseira da aeronave.

De cento e oitenta vagas, se houver oitenta passageiros a bordo é muito.

Volto a atenção para a garrafa e me esbanjo naquele vinho gaúcho. Sinto meu corpo relaxar com o álcool descendo pela minha garganta. As vibrações do meu corpo vão voltando ao normal junto com os batimentos cardíacos. Observo pela janela redonda do avião a sala de embarque com uma movimentação fora do normal. Um empurra para cá para lá... Mais uma vez, olho para trás e vejo que não sou o único telespectador. Algumas pessoas a bordo estão com o olhar vidrado no caos, mas todos permanecem em silêncio, inclusive eu. A distância dificulta a clareza dos fatos e isso soa como um filme de ação no mudo.

Dou quatro goles no vinho. Um homem gordo de quase dois metros com o paletó bagunçado corre de maneira estabanada na direção da atendente responsável por me embarcar.

Raíssa está sendo agredida?! O que o fez agir dessa maneira? Não que justifique, claro...

A mulher é arremessada contra o balcão, batendo o corpo magro na madeira, e choca direto contra o chão. O homem gorducho joga todo seu peso contra a menina. Ela sofre dois, três... quatro golpes na altura do rosto e do peito. O homem a segura pelos ombros e com um impulso inclina a cabeça na direção do pescoço da menina, fazendo jorrar sangue com o que parece ser uma mordida. Um único homem tenta apartar a briga, enquanto os demais se afastam com seus pertences, formando uma grande roda ao redor.